

O Brasil, ontem, hoje, amanhã — 1

26 OUT 1988

BENEDICTO FERRI DE BARROS



Para inaugurar as reuniões do Centro de Estudos e Pesquisas Alípio Corrêa Neto, do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, o dr. Waldir Inácio convidou-nos a disserter sobre o tema

que intitula este artigo. Deu-nos para isso uma hora de prazo, o que bem evidencia a conhecida importância que os cirurgiões dão ao tempo e a objetividade que exigem dos diagnósticos. Entrando no espírito do auditório, compactamos em 35 minutos nossa exposição, e, no prazo restante, debatemos as questões mais importantes que foram levantadas.

O desenvolvimento do tema erigia um livro, que, fragmentariamente, vimos rascunhando em colunas de jornal. O espaço de jornal e a urgência de seus leitores são, entretanto, normalmente, mais estritos que os de cirurgiões. Assim, tentaremos encapsular em rapidíssimos parágrafos os pontos capitais que devem ser levados em conta para se compreender o País de corpo inteiro, de forma que o momento que vivemos possa ser corretamente avaliado com referência ao desempenho do organismo nacional em face de sua vida histórica como um todo e não por simples reação emocional a crise conjuntural que atravessamos, mero instante na vida da Nação.

Vamos aos pontos.

O primeiro é que este país é um dos mais jovens de todas as nações novas do mundo. Como nação não tem mais do que 166 anos (1888-1822). É incorreto, portanto, compará-lo a nações que têm uma vida e história milenares. Uma nação com menos de 200 anos está ainda em sua infância histórica e cultural. Neste curto período conseguimos, entretanto, criar uma cultura original, integrar em um todo um território de dimensões continentais, elevar-nos à 8ª economia entre mais de uma centena de países.

É preciso considerar que em 1808 o Brasil não tinha mais do que 4 milhões de habitantes, aglomerados em cinco núcleos demográficos isolados, distantes entre si, sem maior apreço uns pelos outros, ligados, talvez, apenas por uma língua, uma religião e um "espírito cultural" comuns, originários da matriz lusitana. O período colonial foram 300 anos de isolamento do Brasil do mundo. O comércio e a navegação eram objetos de monopólios; as indústrias eram proibidas; inexistiam escolas superiores; a primeira tipografia chega ao Brasil nos navios que trouxeram d. João VI. O projeto de uma nação continental já se achava, entretanto, definido e o embrião de um povo e de uma cultura brasileiros já haviam deitado raízes no país.

Segundo ponto. O que foi feito nestes 166 anos a partir desse projeto e desse embrião é realização autócotone, endógena, quase exclusiva, se poderia dizer, do próprio brasileiro. Por comparação, e em contraste com a maioria das grandes nações do novo mundo — inclusive a Argentina — o Brasil é o país que recebeu a menor contribuição de emigração estrangeira. (1) Assim, enquanto o crescimento dos Estados Unidos e o progresso de nações como Canadá, Austrália e África do Sul, por exemplo, podem ser vistos como obra de colonização realizada, sobretudo,

graças à importação e ao aporte proporcionados pelo capital humano representado por imigrantes, no Brasil, ao contrário, o trabalho realizado foi feito essencialmente por nós mesmos, com intensivo aproveitamento da valiosíssima, mas numericamente escassa contribuição do "capital humano" representado pela imigração.

Este é o ponto essencial, frequentemente omitido ou minimizado na avaliação do desempenho e da obra dos brasileiros. Reflita-se: o capital humano, representado pelo imigrante, é o mais demorado, o mais caro e o mais produtivo de todos os capitais: levam-se 30 anos para "produzir" um homem; entre todos os bens econômicos, ele é o de maior custo. Ao mesmo tempo é o mais produtivo, o que traz a mais valiosa riqueza, a da experiência, a do tempo e a da cultura. E, o que é o mais, o imigrante é importação dada de graça, que nada custa ao país que o recebe — salvo integrá-lo no povo e na nação que o acolhe. (2)

Terceiro ponto. A despeito da extensão geográfica e das disparidades étnico-regionais iniciais, e apesar de sua pouca idade, o Brasil é reconhecido, por todos os estudiosos, com a nação já hoje dotada da maior homogeneidade cultural e do mais alto grau de integração étnica, entre todas as nações do mundo. Em quaisquer outros países, jovens e velhos, as discrepâncias regionais, os contrastes étnicos, as diferenças, preconceitos e discriminações religiosas, lingüísticas, culturais e raciais são mais acentuados do que entre nós.

As distâncias e dificuldades de comunicação que atuaram geograficamente no sentido de criar ilhas regionais no continente brasileiro foram superadas durante toda a nossa história por uma permanente transumância da população brasileira, que, desde os tempos coloniais, se deslocou livremente, e maciçamente, do sul para o norte, de leste para oeste, e reciprocamente, desde o tempo dos bandeirantes, até os nossos dias, no desbravamento do Paraná, na construção de Brasília, no povoamento dos Estados de Mato Grosso, no afluxo para os grandes centros urbanos do País.

O universalmente reconhecido espírito brasileiro de abertura, acolhimento, democracia e calor pessoal impediu, por outro lado, a formação de barreiras de qualquer natureza entre pessoas, de tal forma que as diferenças concretas, existentes em todas as sociedades, em lugar de se erigirem em barreiras de discriminação institucional — econômicas, culturais ou raciais — conduziram a uma generalizada miscigenação, assimilação e integração dos indivíduos, por mais distintos que sejam.

Há uma variedade original de democracia — a democracia humana — que, no Brasil, supera, funde e resolve todas as distinções sociais, alimentando nosso processo de homogeneização nacional. (3)

Quarto ponto. Os três pontos pré-assinalados representam os paradigmas do processo brasileiro. Vale dizer, as constantes que conduzem nosso comportamento histórico e a maneira pela qual damos encaminhamento aos nossos problemas e soluções. É necessário não perdê-los de vista para se compreender e julgar, tanto o momento brasileiro quanto as perspectivas do Brasil de amanhã.

Benedicto Ferri de Barros é ensaísta e membro da Academia Interacional de Direito e Economia.

26 OUT 1988

ESTADO DE SÃO PAULO